

A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA DITADURA EM *A FESTA*, DE IVAN ÂNGELO E *A FESTA DO BODE*, DE MARIO VARGAS LLOSA

RAÍSSA CARDOSO AMARAL¹; ALFEU SPAREMBERGER³

¹*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – issa.amaral@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – alfeu.sparemberger@terra.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Este resumo apresenta um recorte específico da Dissertação de Mestrado em andamento que será defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura Comparada, da Universidade Federal de Pelotas. A proposta investigativa desta Dissertação consiste na análise da relação entre literatura e história nos romances *A Festa* (1976), de Ivan Ângelo e *A Festa do Bode* (2000), de Mario Vargas Llosa. Os romances retratam, de modo geral, o período de exceção que ocorreu em países distintos: a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e a ditadura da Era Trujillo (1930-1961) na República Dominicana, respectivamente. A relevância desta pesquisa reside no fato da notável ausência de pesquisas, no âmbito da Literatura Comparada, que relacionem a representação literária da ditadura civil-militar brasileira com a ditadura dominicana. Sob o viés da intertextualidade entre os romances, a hipótese inicial é a de que o significado de festa aparece nas narrativas de uma forma alegórica, pois ao invés de alegria e comemoração, temos interpretações que coincidem com a representação do que as ditaduras que ocorreram na América Latina são capazes de deixar de legado: sangue, dor e traumas. Momentos históricos extremos, como é o caso de um período ditatorial, são eternizados não apenas nos documentos históricos, mas pelas páginas literárias.

2. METODOLOGIA

As pesquisas realizadas na área de literatura consistem, de modo geral, em pesquisa bibliográfica, levantamento e seleção de textos teórico-críticos pertinentes para a discussão. Desse modo, a metodologia que fundamenta esta pesquisa é a mais básica dos estudos literários, pois se realiza primordialmente pelo levantamento de fontes teórico-críticas e análise literária. Em síntese, pode-se dizer que a metodologia que viabiliza esta pesquisa é específica da área dos estudos comparados em literatura. Tania Franco Carvalhal já afirmava que se trata de “[...] uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto central, confronta-o com outras formas de expressão cultural” (CARVALHAL, 1991, p. 13).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Festa, de Ivan Ângelo, foi publicado dentro do período histórico brasileiro que corresponde à ditadura civil-militar. Neste livro, experimentalismo estético e vivência histórica do autor se mesclam, afinal, o jornalista e escritor Ivan Ângelo vivenciou o doloroso período e publicou literatura não apenas sobre a ditadura, mas “na” ditadura. Em linhas gerais, *A Festa* retrata o impacto da ditadura civil-militar brasileira em Belo Horizonte e a impossibilidade de liberdade encontrar-se, inclusive, na própria estrutura do texto, pois este é cheio de lacunas pelo meio

das quais o leitor precisa se mover. A metáfora da festa é esmiuçada, afinal, “A festa é o ponto de convergência da narrativa e o ponto de contato entre as personagens” (MACHADO, 1981, p. 50). Por se tratar de uma narrativa fragmentada, há certo aspecto provisório que emana desta obra e também uma necessidade metaficcional de expor o projeto literário, exemplificado nas anotações do escritor pelo meio das quais há a reflexão sobre a criação literária e a literatura como expressão artística, inclusive na dificuldade de pensar o momento de repressão ao mesmo tempo em que nele se vive, como se vê no trecho a seguir:

(Anotação do escritor: Um desperdício deixar passar este momento sem tentar captar o sentido dele, ao menos um esboço que mostre a alguém: era assim, naquele tempo. Era assim que as pessoas se destruíam, que as consciências aceitavam, que os homens se diluíam entre o medo e o dever, que os escritores procuravam esquecer ou não conseguiram escrever nada (ÂNGELO, 1976, p. 132 , grifos do autor).

O escritor – especificamente no contexto da ditadura brasileira – precisava dar uma resposta imediata àquilo que ele vivenciava nas ruas. Havia uma necessidade de produzir um texto literário que contemplasse o momento repressor em que se vivia, como se não fosse conveniente deixar escapar a história. Desse modo, a escrita ficcional de Ivan Ângelo simboliza “[...] um momento histórico brasileiro em que a narrativa funcionou como uma das formas mais expressivas de resistência” (CALEGARI, 2008, p. 156). O escritor precisava da arte para registrar o presente, uma verdadeira espécie de resistência à censura que corria solta pelas ruas.

Por outro lado, o romance *A Festa do Bode*, do peruano Mario Vargas Llosa, possui distanciamento histórico e não apresenta vivência histórica do escritor na ditadura da República Dominicana, comandada por Rafael Leonidas Trujillo Molina, de 1930 a 1961. Fruto de intensa pesquisa histórica, a estrutura narrativa é formada por eixos em paralelo que estão organizados da seguinte maneira: inicialmente nos é apresentado o eixo com maior teor literário (eixo da personagem *Urania Cabral*) e nos outros dois eixos há uma aproximação maior com os dados históricos oficiais (eixos de *Trujillo* e dos revolucionários que planejam a morte do ditador, respectivamente). O teor literário aqui apontado a respeito dos três eixos narrativos do romance significa afirmar que todos são criações ficcionais, porém o eixo de *Urania Cabral* é ficcional por excelência, enquanto o eixo de *Trujillo* e dos revolucionários contextualizam o que aconteceu de fato como, por exemplo, o assassinato de *Trujillo* em 30 de maio de 1961.

Em *A Festa do Bode*, o eixo narrativo de *Urania Cabral* é o único situado no tempo presente, que equivale ao ano de 1996 na narrativa. Os outros dois eixos estão situados nos últimos dias da ditadura de *Trujillo*, entrelaçados pelo fatídico 30 de maio de 1961, que corresponde à data do assassinato do ditador. Cláudia Paulino de Lanis defende que o romance *A Festa do Bode* é pós-moderno, pois “questiona e repensa não só a ditadura da República Dominicana, mas também todas as ditaduras da América Latina [...]” (LANIS, 2005, p. 31). Em um possível paralelo com a literatura produzida no Brasil com a temática da ditadura, temos uma diferença crucial: “Ao contrário dos romancistas hispano-americanos, pródigos ao escreverem sobre seus ditadores, os brasileiros preferiram concentrar-se nas vítimas da tirania” (DALCASTAGNÉ, 1996, p. 99).

No que diz respeito à recriação literária do perfil de grandes ditadores, temática constantemente presente nas pesquisas de representações literárias das ditaduras na América Latina, o romance *A Festa do Bode* dedica um eixo narrativo inteiro para dar voz a Trujillo, em seus últimos dias de vida. Ao rememorar sua infância em Santo Domingo, a personagem Urania Cabral afirma que a cidade era “[...] anestesiada pelo medo e pelo servilismo, e tinha a alma encolhida de reverência e pânico pelo Chefe, o Generalíssimo, o Benfeitor, o Pai da Pátria Nova, Sua Excelência o Doutor Rafael Leonidas Trujillo Molina” (VARGAS LLOSA, 2011, p. 14). O romance também demonstra que os cidadãos dominicanos afirmavam que a ditadura de Trujillo modernizara o país: “Todos achavam que o Bode era o salvador da Pátria, que acabara com as guerras de caudilhos, com o perigo de uma nova invasão haitiana [...]” (VARGAS LLOSA, 2011, p. 163). Trata-se, como visto, de um discurso muito comum em ditaduras que exterminam tudo, inclusive o bem maior de qualquer indivíduo: o livre-arbítrio.

4. CONCLUSÕES

Regina Dalcastagné afirma que um momento tão extremo, como foi o período da ditadura, não deve cair no esquecimento e, portanto, são necessários os registros, para que a tarefa de “não esquecer” seja cumprida. Entre os registros daquele tempo de exceção, os textos literários permanecem (seja nos leitores, nas estantes, livrarias, isto é, circulam) e refugiam a dor “[...] como espaço onde a história dos vencidos continua se fazendo, lugar onde a memória é resguardada para exemplo e vergonha das gerações futuras” (DALCASTAGNÉ, 1996, p. 25).

Janete Gaspar Machado assinala que Ivan Ângelo “[...] somente nos anos 70 veio a se revelar como romancista e só assim fazer sucesso literário e ser reconhecido, nacionalmente, como escritor” (MACHADO, 1981, p. 50). Pode-se considerar, então, que *A Festa* foi a obra responsável pelo reconhecimento de Ivan Ângelo, não apenas por ter recebido o prêmio Jabuti, mas pela demora de produção (iniciou a escrever em 1963, mas só retomou dez anos depois), pelo contexto ditatorial em que foi produzida, pelo experimentalismo e pelo conteúdo político que se desdobra em suas páginas fragmentadas, na tentativa agonizante de dar conta daquele presente opressor, não deixar escapá-lo.

Já Mario Vargas Llosa é considerado pela crítica um expoente do realismo, um dos grandes nomes da literatura hispano-americana e atualmente da literatura mundial, visto que suas obras foram traduzidas para diversas línguas. A preocupação de Vargas Llosa com o resgate ficcional de períodos ditoriais da América Latina sempre o acompanhou, como é o caso do romance *A Festa do Bode* ambientado, em dois eixos narrativos, na Era Trujillo (1930-1961), nome pelo qual ficou conhecida a ditadura dominicana.

Ao pensar a respeito das ditaduras da América Latina, Beatriz Sarlo afirma que elas “representaram, no sentido mais forte, uma ruptura de épocas (como a Grande Guerra); mas as transições democráticas não emudeceram por causa da enormidade desse rompimento” (SARLO, 2007, p.47). Não apenas uma ruptura de época, as ditaduras precisam ser registradas – seja nos escritos históricos ou literários – para que momentos obscuros e sangrentos como esse não sejam reproduzidos novamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÂNGELO, I. **A festa**. São Paulo: Vertente Editora Ltda, 1976.

CALEGARI, L. C. **A literatura contra o autoritarismo: a desordem social como princípio da fragmentação na ficção brasileira pós-64**. 2008. 313 f. Tese de Doutorado em Estudos Literários – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

CARVALHAL, T. F. “Literatura comparada: a estratégia interdisciplinar”. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. Niterói: UFF, v. I, n.1, p. 09-21, 1991.

DALCASTAGNÉ, R. **O espaço da dor – o regime de 64 no romance brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

LANIS, C. P. **A obra de Mario Vargas Llosa, La Fiesta del Chivo, e a multiplicidade de máscaras**. 2005. 134 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas, Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LLOSA, M. **A Festa do Bode**. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, 2011.

MACHADO, J. G. **Os romances brasileiros nos anos 70 – fragmentação social e estética**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1981.

SARLO, B. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.